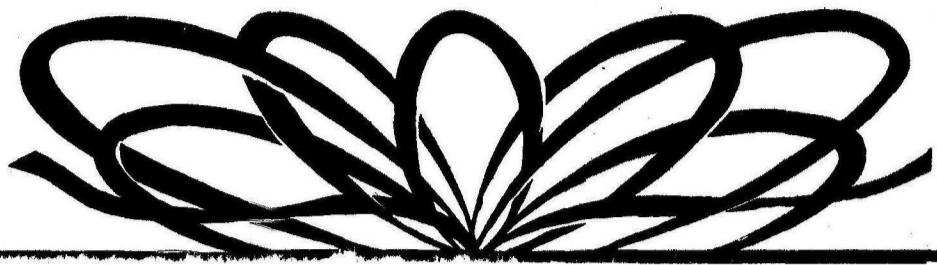


MULHERES DE DETENTOS

Chefes de família de pai ausente, elas vivem de medo e incertezas



Com muitos filhos, pobres e doentes, elas esperam por um breve momento de alegria



HELENA SALEM

Nas últimas semanas, mulheres de presos da Ilha Grande estiveram várias vezes em frente ao Palácio Guanabara para protestar contra os espancamentos e maus-tratos de que seus maridos teriam sido vítimas naquele presídio. Pobres, sofridas, sempre com muitos filhos, elas fazem parte do imenso contingente que, além de lutar pelos maridos, vivem o drama cotidiano de arcar sozinhas com o sustento da família de pai ausente, das visitas regulares às cadeias, da expectativa pela liberação do companheiro e, sobretudo, da incerteza se ele, de fato, abandonará o mundo do crime quando de lá sair. Chorando com freqüência, nervosa ("depois que o marido é preso, mulher não tem mais saúde"), elas têm medo do futuro, têm medo do presente, têm medo de falar e de não falar, porque também têm medo da polícia, dos diretores de presídio e de eventuais comparsas ou inimigos de seus homens. Mas sua obsessão e preocupação maiores são mesmo não prejudicar os companheiros presos ("não põe o nome dele não, por favor, fala minha também não"), preservar os filhos, não complicar ainda mais a situação já terrivelmente difícil. Somente sob nomes fictícios, elas aceitam contar suas histórias, tão verdadeiras quanto trágicas.

— Ah, meu Deus do Céu, por que esses homens fazem isso? (Maria da Conceição, 27 anos, três filhos, companheiro preso há dois anos, acusado de homicídio).

A

advogada Zuleica Teixeira Alves, da Pastoral Penal da Arquidiocese do Rio de Janeiro, ex-diretora da Divisão Jurídica do Desipe, trabalha há dez anos com presos comuns. Diariamente, seu gabinete é visitado por mulheres que tentam localizar os companheiros, saber sua situação jurídica, obter alguma ajuda de roupa ou comida e, quem sabe, um emprego. A Dra. Zuleica divide essas mulheres em quatro grupos: aquelas que permanecem fiéis, passam fome, sacrificam até os filhos para levar comida para os companheiros na cadeia ("são umas heroínas", diz a advogada); as que, com a prisão do marido, acabam arrumando um outro homem para assumir a chefia da família e satisfazer suas carências afetivas ("estas só deixam de ir ao presídio quando engravidam e por sua vez, os homens ficam doidos, porque perdem a mulher e os filhos"); o grupo das que começam a relação na própria cadeia, conhecendo os presos através de amigas ou por correspondência ("esses presos são chamados de 'caídos', porque não têm família, ninguém; elas conseguem visita íntima, ao fim de nove meses têm um filho"); e aquelas que também estão envolvidas com o mundo do crime, bem mais raras, e acabam por ser presas, desagregando o núcleo familiar.

— Quando a gente defende o detento — afirma a Dra. Zuleica —, está ajudando a família. Porque o menino que teve o pai preso e fica abandonado, não vai crescer tranquilo. E a nossa preocupação é com o núcleo familiar, seja ele legal ou apenas de fato.

Dalva está casada há 12 anos com Antônio, preso há 10 (agora na Penitenciária Lemos de Brito), condenado por latrocínio. Ela vive num barraco junto de uma vala em Caxias, cercada de lixo e mau cheiro ("só pode ter sido por isso que meu filho de três meses pegou hepatite e morreu"), faz faxina para sustentar os três filhos pequenos (antes da prisão de Antônio, ela morava numa casa de tijolo, mas não aguentou continuar pagando o aluguel), julga às vezes que vai ficar louca com tanto sofrimento ("passo toda essa 'barra', sou sozinha para lutar aqui fora"), mas nunca pensou em desistir:

— Tem que ser, tem que ser. Não quero dar um padastro para os meus filhos. Um dia meu marido tem de sair, ele não nasceu lá dentro. Acredito ainda muito em Deus. Minha filha gosta muito do pai dela. E ele só pensa em sair de lá (está condenado a 35 anos). Mas não sei se a gente vai ficar o resto da vida juntos, ando com a minha cabeça muito enrolada.

Geralmente, por convicção ou necessidade, elas acreditam na inocência do marido. Atribuem o crime deles ao envolvimento com más companhias, afirmam desconhecer as atividades ilícitas do companheiro até o dia de sua prisão ("ele saía todo dia de manhã para trabalhar, um dia me pediu um dinheiro emprestado, estava meio embriagado, me disse que ia 'curtir' um samba, a polícia prendeu ele lá perto de casa, acho que foi por roubo, mas ele não podia ter assaltado porque estava embriagado", conta Amélia, 38 anos, extremamente magra, mãe de quatro filhos, marido na Lemos de Brito).

MULHERES DE DETENTOS

Eliane, 29 anos, fisicamente frágil, recém-recuperada de uma pneumonia, pertence àquele grupo de mulheres que conheceram seus homens na cadeia. Ela é amiga de Maria Célia, com o companheiro também preso, e foi numa visita ao presídio de Bangu que conheceu Pedro, detido por assalto. Começou a visitá-lo semanalmente e o romance já dura dois anos.

— Levo coisas para ele — conta Eliane — mas pouco, porque minha situação é péssima. Trabalho como doméstica numa casa de família, moro em Piedade, espero que ele saia o mais rápido possível. Mas minha família não sabe que estou com ele, não digo que vou ao presídio. Meus pais são muito violentos, não quero que eles saibam que vivo com um presidiário.

E como é a vida sexual e afetiva de uma mulher de detento? A maioria dos presídios permite a visita íntima: alguns, uma vez por semana durante uma hora; outros, de 15 em 15 dias (às vezes toda uma noite ou mesmo um fim de semana); e outros ainda, como a Ilha Grande, uma vez por mês (três dias seguidos):

— Mas cadeia é cadeia, todas são iguais, tudo é presídio — observa Dalva, expressão exausta, de quem está no limite (Antônio, seu marido, já esteve em pelo menos sete presídios, entre os quais o Hélio Gomes, o Marquês do Paraná, em Niterói, e a Ilha Grande).

A triste rotina do amor que revive a cada domingo

No entanto, amar atrás das grades, com dia e hora marcados, às vezes causa mais dor que alegria (para as mulheres):

— Para mim — diz ainda Dalva —, não aceito. É como se a gente ficasse fazendo alguma coisa obrigada. Todo domingo. E eu detesto fazer qualquer coisa obrigada. Vira rotina, é muito "chato". Tenho dormido no presídio, e também se ouve muito "lero-lero" dos guardas. Para a gente, como mulher, não é agradável ouvir isso. Depois, são muitos problemas. Quando eu chego lá, acho que o meu marido está virando criança, só querendo sexo. Mas não vivo de sonho, não, vivo de realidade, e pegando toda essa "barra", não dá para chegar

lá e querer isso, assim. A gente está vivendo mesmo como irmão. Como homem e mulher, negócio de sexo, não "esquento", não.

Dalva explica como são os quartos para visita íntima na Lemos de Brito: "Têm cama, banheiro, um fogãozinho, tudo direitinho, mas só se pode visitar as amigas em outros quartos na mesma galeria, nas outras galerias não é permitido." Com isso, a sensação é de "estar presa também". Já com os olhos cheios dágua, o rosto meio escondido entre as mãos morenas, calejadas, ela prossegue:

— Na primeira dormida no presídio, me senti tão mal...

Tão mal como tantas outras. Maria Lúcia, por exemplo: 37 anos, quatro filhos (e mais dois abortos e um terceiro filho morto ao nascer), ambulante de sorvete na praia aos domingos, companheiro preso há três anos por tráfico de drogas ("sabia que ele fumava, mas não que ele vendesse também" — sempre o desconhecimento, aparentemente sincero, das atividades do homem). José, seu companheiro, já esteve nas cadeias de Caxias, Polinter, Água Santa, Bangu e agora Hélio Gomes. Mas Maria Lúcia não tem direito à visita íntima: é que, para tê-lo, as mulheres devem submeter-se a exame ginecológico e, assim como os homens, de sangue, obtendo também resultado negativo ("para não nascer filho ruim", ela observa). E Maria Lúcia está há muito tempo com uma inflamação no ovário ("Fui fazer o exame, não me aceitaram").

Faxineira desempregada, companheiro preso há dois anos (sem julgamento, ele era "ajudante de caminhão", agora é acusado de homicídio), três filhos, residente em Nova Brasília, Maria da Conceição se lamenta a fundo:

— Lá dentro, eles sofrem. Mas as mulheres que estão aqui fora sofrem muito também. É duro seguir a "barra" para a mulher que fica na rua. Ainda quando o homem dá um certo valor quando sai, recompensa passar por isso. Mas quando não dá valor, como é o caso de muitas, aí é uma revolta...

Revolta que sente Sônia, doméstica desempregada, 30 anos, há nove com Paulo César, que há poucos meses saiu da cadeia (e já tem nova pena a cumprir, por tóxicos). Durante quatro anos Sônia esperou fielmente Paulo, só saía do emprego em Copacabana para visitá-lo, teve filho, tudo, sozinha, na maior expectativa pela libertação do companheiro. Quando ele finalmente saiu, Sônia pegou o dinheirinho que tinha na poupança,



Presídio da Frei Caneca: sob a chuva, a fila para a visita de Natal

entregou-lhe para que tirasse os documentos e pudesse trabalhar. Logo logo, porém, ela descobriu que, aos sábados, quando estava no serviço e não podia visitar Paulo no presídio, outra (uma amiga sua de 15 anos) ia em seu lugar. E, uma vez na rua, não só essa moça, mas muitas outras também mantinham relações com seu companheiro. E ainda mais: uma quadrilha inimiga de Paulo agora o persegue diariamente (eles moram numa favela em Caxias), ameaçando de morte também a ela e aos filhos, obrigando-os a dormir na casa de amigos. Grávida de seis meses, Sônia conta:

— Para eu poder dormir, tenho que satisfazer a ele. Antes, ele me dizia "dá um tempo, agora não", me escondia que tinha outras. Agora, quando eu não quero, dá chutes na minha barriga, até eu ceder. Estou tentando conseguir uma casa da Cehab, para ir morar com os meus filhos. Mas está demorando muito, eu não tenho para onde correr.

Sônia já esteve até no Hospital Pinel, pedindo para ser internada. Dalva também diz que passou

algum tempo "no hospício", os nervos saturados. E Maria da Conceição, olhos fundos, tensão à flor da pele, desabafa:

— Não tenho mais saída. Tudo irrita, nada está bom. Como podemos ficar calmas, quando não temos um pedaço de pão para dar a nossos filhos? Não posso tomar mais tranqüilizante, por causa das crianças. Então, eu sento e choro, choro, até ver se pára.

Além do choro, da luta diária, dos filhos que emagrecem — ou morrem de fome, do medo, da carência, da solidão, da ilimitada fidelidade ao "chefe da família" ausente, resta a essas mulheres ainda um pálido sonho: a expectativa de ver o companheiro de novo em casa, "segurando a barra", atenuando as aflições do dia-a-dia.

O caso mais comum — diz Glorieta Aragão Freitas, assistente social da Penitenciária de Magé —, é as mulheres quererem que os homens mudem de vida, ao saírem. O indivíduo com companheira tem muita chance de recuperação. Pelas mulheres, acho que elas nunca voltariam ao crime.